



MULHERES NEGRAS VELHAS: ESCRIVIVÊNCIAS E ORALITURAS

Cledineia Carvalho Santos

keucarvalho@yahoo.com.br

Doutora em Difusão do Conhecimento

formadora Documento Curricular Referencial da Bahia (DCRB) pela Fundação Getúlio Vargas FGV

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6687104796082495>

Deysiene Cruz Silva

deysienecruz@hotmail.com

Mestra em Educação de Jovens e Adultos

Professora no ensino superior e Assistente social no enfrentamento as violências

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1044262094356246>

RESUMO:

O presente artigo pretende pensar a corporeidade e a oralitura como possibilidade de transmissão de saberes culturais por mulheres negras velhas¹ Falar da mulher negra velha em tempos atuais é reconhecer a segregação e o silenciamento de séculos vezes que em sua maioria são mulheres que são semialfabetizadas no que tange a educação e instrução formal, mesmo sendo “transciclopédias”² na vida humana em sua existência poética de ser. Para dar corpo ao presente trabalho científico faz-se necessário beber das fontes de Sodré (2017), Louro (1990), Martins (2021) e Oliveira (2022). Como perspectiva metodológica   possível a abordagem qualitativa de Galeffi (2009) e a pesquisa encarnada de Messeder (2017). Teóricos contemporâneos dos séculos XX e XXI como forma de desenho de um estudo que   pouquíssimo encontrado nas academias, afinal falar de mulher, na perspectiva de gênero, do e da velha, na perspectiva geracional, da popula o negra na perspectiva racial   um encontro de categorias sociais permitidos em tempos atuais a partir do lugar da interseccionalidade. Por

¹ O termo velho/a será utilizado para referenciar as mulheres negras idosas que neste estudo se reconhece as mulheres negras velhas, pois conforme defende Ren  Lenoir (1960) que devemos trata-los/as como velhos e velhas e não idosas/os já que a fase da vida   a velhice. Assim, destaca-se ainda que o uso idosa/a tem sua proposta no reducionismo capitalista que entende um ser produtivo, enquanto o velho/a velha tem consequentemente o lugar do seguimento social velho ou velha traduzido por sabedoria, experiência, tempo, ancestralidade, memória, entre outras características singular da pessoa na fase da velhice. Percebe-se ainda, mesmo que sem inten o, que a tratativa velhice permite uma interlocu o mais própria e apropriada do lugar das discussões acerca da popula o negra como memória e perspectiva futurista e como afirma Sodré (2017, 225) “A originalidade radicalmente  tica, confere a alguém, mais velho, mais “iniciado” na vida, a autoridade, que serve de fundamento   experiência”.

² Conceito que transpõem a tradicional ‘enciclopédia’ pela sua amplia o teórico-discursiva, em conformidade a obra “TRANSCICLOP DIA EM DIFUSÃO DO CONHECIMENTO” (2020), que aborda a produ o do conhecimento em linhas abertas, sob a perspectiva da análise cognitiva.

isso, esse é um trabalho feito a três mãos de mulheres envelhecidas que pensam e colaboram para uma sociedade com esperança feminina.

PALAVRAS-CHAVE: Oralidades; Intergeneracionalidades; Ecrivências.

OLD BLACK WOMEN: WRITINGS AND ORAL READINGS

ABSTRACT:

This article aims to think about corporeality and oral reading as a possibility of transmitting cultural knowledge by old black women. To talk about old black women in current times is to recognize the segregation and silencing of centuries of women who are mostly semi-literate in terms of formal education and instruction, even though they are “transcyclopaedias” in human life in their poetic existence of being. In order to flesh out this scientific work, it is necessary to draw on the sources of Sodr  (2017), Louro (1990), Martins (2021) and Oliveira (2022). From a methodological perspective, it is possible to use the qualitative approach of Galeffi (2009) and the embodied research of Messeder (2017). Contemporary theorists from the 20th and 21st centuries are used to design a study that is rarely found in academia. After all, talking about women from a gender perspective, old people from a generational perspective and the black population from a racial perspective is a meeting of social categories that is allowed in current times from the point of view of intersectionality. For this reason, this is a three-handed work by aging women who think and collaborate for a society with feminine hope.

KEYWORDS: Oralities; Intergenerationalities; Writings.

VIEJAS MUJERES NEGRAS: ESCRITOS Y LECTURAS ORALES

RESUMEN:

Este artículo pretende pensar la corporalidad y la lectura oral como posibilidad de transmisión de saberes culturales por parte de las negras viejas.. Hablar de viejas negras en los tiempos actuales es reconocer la segregación y el silenciamiento de siglos de mujeres en su mayoría semianalfabetas en términos de educación e instrucción formal, aunque sean «transciclopedias» de la vida humana en su existencia poética del ser. Para dar cuerpo a este trabajo científico, es necesario recurrir a las fuentes de Sodré (2017), Louro (1990), Martins (2021) y Oliveira (2022). Desde una perspectiva metodológica, es posible utilizar el enfoque cualitativo de Galeffi (2009) y la investigación encarnada de Messeder (2020). Teóricos contemporáneos de los siglos XX y XXI se utilizan para diseñar un estudio que rara vez se encuentra en el mundo acad mico, después de todo, hablar de las mujeres desde una perspectiva de g nero, los ancianos desde una perspectiva generacional y la población negra desde una perspectiva racial es una reunión de categorías sociales que se permite en los tiempos actuales desde el punto de vista de la interseccionalidad. Por eso este es un trabajo a tres manos de mujeres mayores que piensan y colaboran por una sociedad con esperanza femenina.

PALABRAS CLAVES: Oralidades; Intergeneracionalidad; Escritos.

REFLEXÕES INTRODUTÓRIAS

A escre(vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra. (EVARISTO, 2005, p.06).

O estudo proposto por mulheres negras e periféricas, em um espaço político ideológico e mítico que é a academia, pretende ecoar vozes silenciadas por um etarismo feminino por anos. É um caminhar de enfrentamento e de resistência ao perceber o quando mulheres negras velhas podem e devem colaborar para um mundo menos desigual, podendo chamar de um mundo onde a esperança é feminina como defende Diniz e Gebara (2022).

O lugar desse estudo permite apontar os encontros dos corpos como a aproximação dos conflitos e ao mesmo tempo das possibilidades como afirma Martins (2021) e esse encontro pensado pela intergeracionalidade é a proposta de aproximar o que é intencionalmente negado aos mais jovens quando afasta os mais velhos através dos papéis sociais e etários. Sendo esses jovens do universo masculino e as mais velhas do universo feminino ainda mais são os afastamentos, pois as velhas devem ser as donas dos lares e os jovens devem ser os trabalhadores em tempos atuais e modernos de capitais.

Esse estudo além de ser um espaço de enfrentamento ao etarismo contra mulheres velhas negras é um desnudamento de epistemologias do sul que defendida por Boaventura de Sousa Santos (2010) é concebida por um “conjunto de intervenções epistemológicas que denunciam a supressão de saberes levada a cabo, ao longo do último século, pela norma epistemológica dominante, valorizando um diálogo horizontal entre os diversos conhecimentos. Para tanto, o estudo conta com a abordagem qualitativa de Dante Galeffi (2009) que aponta a pesquisa como o:

lugar de reinventar a ciência para usufruto das necessidades relativas à existência humana universal instante, o que nunca pode ser um lugar comum, uma mera repetição mecânica de operações modelares ideais, pois compreende o funcionamento atual dos organismos auto reflexivos em seus processos de retroação contínuos, compreendendo-se tanto o caráter computante do cérebro unido ao caráter sensível do corpo, quanto o caráter cogitante da mente (Galeffi, 2009, p.17).

Assim, pressupõe um estudo para a disciplina Filosofia Africana, do Programa de Pós-graduação em Difusão do Conhecimento- PPGDC, onde seu contorno não é apenas cumprir os créditos, mas principalmente articularmos os ensinamentos do pensamento crítico pós-colonial articulado aos saberes periféricos e marginalizados frente a sociedade contemporânea, especialmente na perspectiva da negação de contato e acesso as mulheres negras velhas como sabedorias ancestrais.

Este trabalho debruça-se ainda pela égide teórica da Pesquisadora Encarnada (Messeder, 2020) por sua natureza visceral e corporalmente imbricada em “agenciamentos maquínicos” (Messeder; Galeffi, 2018, apud Messeder, 2020, p. 55). Assim, o texto em discussão, apresenta as nossas complexidades e o desaguar disto na produção do conhecimento científico acadêmico, “encarnados na primeira pessoa, razão e corpo” (Messeder, 2020, p. 59).

A MULHER NEGRA VELHA E SUA CORPOREIDADE ORAL

Pensar o lugar da mulher negra velha em tempos atuais é uma estratégia de resistência, pois em um país que de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2018) mulheres são aproximadamente 51,8%, destas aproximadamente 44% são mulheres pretas e pardas em processo de feminilização da velhice e tal realidade não ser discutida em agendas políticas é uma anulação do processo de envelhecimento feminino brasileiro.

Tal realidade se dá por um patriarcado extremamente machista e etarista como afirma Debert (2020). No curso da pandemia entre tantas mazelas sociais expostas a olhos nus o patriarcado, o racismo e o etarismo foi posto em vistas a quem nem queria perceber. A Organização das Nações Unidas para questões da equidade de gênero, a ONU Mulheres, em maio de 2020 decretou uma realidade pandêmica de gênero, bem como a ONU Pessoa Idosa sinalizou o quão as questões do etarismo deveria ser evidenciado como demanda emergente para agendas públicas.

Falar de mulher é o que Louro (1990) chama de emergência de gênero, pois a segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas tivera como consequência a sua ampla invisibilidade como sujeito. É inegável que a partir da década de 60, com todo processo de redemocratização do Brasil e em um movimento vanguardista dos movimentos feministas o lugar da mulher socialmente tem sido reconfigurado, entretanto, Louro (1990) afirma que precisamos ter cuidado com as ações isoladas ou coletivas, dirigidas contra a opressão das mulheres.

Isso dá régua e compasso³ para o que Carneiro (2019) aponta em sua defesa ao feminismo negro como um movimento social que vai para além do reducionismo de classe e gênero. Segundo a autora, o feminismo negro brasileiro alcança a complexidade de pensar a transformação social na compreensão do intercambiamento das opressões e desigualdades e não privilegia e isola a classe, gênero ou raça, mas aponta uma avenida de marcadores sociais que se entrelaçam para expor ainda mais o patriarcado.

Com isso, a interseccionalidade de Collins (2020) Crenshaw (1995) permite reconhecer a discriminação que se vincula a uma tradição sociológica entre raça, gênero, classe e deficiências, permitindo aos direitos humanos tomar partido de tais categorias sociais e assim empreender esforços para reparar tais violências a partir de instrumentos jurídicos. Por sua vez Castro (2000) afirma a alquimia como entrelaçamento de categorias que se horizontalizam como gênero, raça, classe e geração e assim permite a exclusão social de pessoas velhas.

Esse arsenal introdutório permite traduzir o que é o etarismo feminino. O etarismo é o termo criado por Robert Bluter em 1969 para traduzir a intolerância as pessoas mais velhas. Em notas contemporâneas estudiosos dão outras terminologias como idadismo, ageismo, mas todas as formas com o mesmo conceito como afirma Goldani (2010) o preconceito contra as pessoas mais velhas como forma de apaga-las, de apontá-las como peso social, gasto público para previdência, como improdutivo, vez que possuem direitos de gozar das chamadas aposentadorias por ter arcado com o meio de produção em toda sua vida.

São os estereótipos gerados sobre a pessoa mais velha por todo processo biopsicossocial de envelhecimento humano que não se é tratado como direito. Assim sendo, observa-se que o etarismo é ainda mais impactante quando se trata de uma mulher velha como afirma o Relatório Mundial sobre o Idadismo de 2021. A realidade do etarismo contra as mulheres velhas já é uma realidade, afirma-se ainda o mesmo sobre a mulher negra velha que já vive a realidade do preconceito racial em todos os níveis arbitrários.

É possível perceber que a realidade do etarismo sobre mulheres negras velhas são intencionais, pois são partes importantes do processo de transmissão intergeracional de conhecimentos. Pensar a intergeracionalidade é como afirma Magalhães (2000) a troca de saberes, de solidariedades, de fortalecimento de vínculos entre velhos e jovens. É a possibilidade da transmissão de conhecimentos e que vai além do que o próprio Estatuto da

³ Gil. Gilberto. **Aquele Abraço**. Letra e canção composta e lançada em 1969.

Pessoa Idosa de 2003 permite quando em seus artigos 20, 22, 27 sugere políticas públicas educacionais que falem do envelhecimento humano.

Diante da afirmativa de Magalhães (2000) sobre as relações intergeracionais uma forma de transcender saberes ancestrais, culturais entre avós e netos, entre pais e filhos, entre velhos e mais novos. Também a afirmativa de Silva (2019) que aponta a intergeração com enfrentamento do etarismo sobre os corpos negros, convém apontar Sodré (2017, p. 106) que nos apresenta em seu termo corporeidade:

A corporeidade   a condi o própria do sensível, tal como na descri o de Boulaga, filósofo camaron: “O sentir   a comunica o original com o mundo,   o ser no mundo como corpo vivo. O sentir   o modo de presença na totalidade simultânea das coisas e dos seres. O sentir   o corpo humano enquanto compreensão primordial do mundo. O homem não   si mesmo por deriva o ou, progressivamente, por etapas. Ele   de vez ele mesmo, estando nele mesmo junto a coisas e a outros, na atualidade do mundo. O sentir   a correspondência a essa presença [...]. Pelo sentir do corpo, o homem não está somente no mundo, mas este está nele. Ele   o mundo.

Tal realidade explicita por Sodré (2017) aponta que   proposital podar e ceifar a possibilidade da troca com pessoas negras e nesse viés faz-se um paralelo a realidade da ausência das políticas públicas e sociais sobre a intergeracionalidade entre e com as mulheres velhas negras, pois   uma ameaça já que esses corpos negros femininos e velhos podem obter saberes que transcendem os interesses capitais de um sistema de produ o que visa exclusivamente a juveniliza o como meio de venda de mão de obra e conseqüentemente de manuten o de poderes.

Permitir um encontro intergeracional que aponte os ensinamentos de Sodré (2017) de Martins (2021) e de Oliveira (2022)   romper com qualquer possibilidade de fazer corpos jovens envelhecerem livres e poeticamente pensantes. Oliveira (2022) aponta a ancestralidade como ambi o de compreender a cria o dos seus universos e seus desdobramentos como as condi es da produ o do conhecimento. Também como a ancestralidade sustenta o princípio  tico-político fundamentado na manuten o e expansão das liberdades públicas e privadas, bem como princípio da est tica sem a intencionalidade contemporânea.

Tais ensinamentos de Oliveira (2022) não pode ser mera coincidência do porque não   de interesses das agendas públicas programas intergeracionais, mas, inclusive   a afirma o da nega o do lugar dos velhos e velhas negras como sabedorias ancestrais que det m de um poder que   importante que se mantenha descoberto. O lugar de corpos negros, em especial

de mulheres negras, é um lugar de transmissão de saberes das mais misteriosas e possíveis formas. Martins (2021, p. 89) afirma que:

O termo oralitura, da forma como o apresento, não nos remete univocamente ao repertório de formas e procedimentos culturais da tradição linguística, mas especificamente ao que em sua performance indica a presença de um traço cultural estilístico, mnemônico, significativo e constitutivo, inscrito na grafia do corpo em movimento e na velocidade.

Com isto, apontamos os corpos das mulheres negras velhas uma performance espiralar como a filosofia da Sankofa⁴ que ao se inscreve no cotidiano com as experiências adquiridas entre si e seus ancestres. Sobre isto Conceição Evaristo (2005) afirma que assim “Surge a fala de um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido” (EVARISTO, 2005, p.06). Nesta esteira atuam corporalmente na configuração da sociedade expressas em suas oralitura, modo de vestir, falar e atuar em perspectivas de escrituras.

BREVES CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, percebe-se que de acordo com a realidade da maioria das mulheres velhas negras do recôncavo baiano por exemplo, o lugar do ser velha negra permite ser pertencente a um universo onde sequer são semialfabetizadas, entretanto, Martins (2021) afirma que a forma oral de se expressar é caso de grande parte da cultura tradicional brasileira e de certo modo é uma transmissão que se dá pelos processos formativos através das danças, da poética da oralidade, daquilo que é voz, movimento, ação, ou seja, experiências orais.

Martins (2021), Sodré (2017) e Oliveira (2022) afirmam ainda esse lugar das mais velhas/dos mais velhos como uma similaridade entre oralidade e corporeidade e isso   o que se pode favorecer uma realidade interseccional e alquimista de enfrentar o etarismo feminino negro quando permitido o da oralidade e do corpo, ou seja, a fala das mais velhas construída nos corpos e pelos seus corpos.

⁴ SANKOFA- Princípio filosófico africano, oriundo do provérbio oral do povo Akan (NASCIMENTO L.; G , 2009) que nos interpela a "olhar para o passado para construir o futuro". Sankofa: "Nunca   tarde para voltar e apanhar o que ficou atrás. Símbolo da sabedoria de aprender com o passado para construir o futuro." Provérbio Akan (NASCIMENTO L.; G , 2009, p. 40-41).

REFERÊNCIAS

- BUTLER, R. N. **Age-ism: Another Form of Bigotry**. *The Gerontologist*, v. 9, n. 4, p. 243-246, Dec. 1969. https://doi.org/10.1093/geront/9.4_Part_1.243.
- CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Pólen Livros, 2019. E-book. (Coleção Sueli Carneiro).
- DEBERT, G. G. **A Reinvenção da Velhice**. São Paulo: Ed. USP: Fapesp, 2012.
- DINIZ, Debora e Gebara, Ivon. **Esperança feminista**. 1. ed. – Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.
- EVARISTO, Conceição. **Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face**. In *Mulheres no Mundo – Etnia, Marginalidade e Diáspora*, Nadilza Martins de Barros Moreira & Liane Schneider (orgs), João Pessoa, UFPB, Idéia/Editora Universitária, 2005.
- GOLDANI, A. M. **Desafios do "preconceito etário" no Brasil**. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 31, n. 111, p. 411-434, abr./jun. 2010.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva Pósestruturalista**. Petrópolis, RJ, Vozes, 1990.
- MACEDO, Roberto Sidnei. GALEFFI, Dante. PIMENTEL, Álamo. **Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa: educação e ciências humanas**. Salvador: EDUFBA, 2009.
- MARTINS, Leda. **Performances da oralitura: corpo, lugar da memória**. *Letras (Santa Maria)*. Santa Maria, v, 25, p. 55-71, 2003.
- MARTINS, Leda. **Afrografias da Memória**. São Paulo: Perspectiva, 1997 na reedição de 2021.
- WASHINGTON, D.C. **Relatório mundial sobre o idadismo**. Organização Pan-Americana da Saúde; 2022. Licença: CC BY-NC-SA 3.0 IGO.
- MESSEDER, Suely.; GALEFFI, Dante. **Introdução**. In: MESSEDER, S.; CAOBUÍ, E.C.B. (Org). *Analista Cognitivo: uma profissão interdisciplinar*. Salvador. Edufba, 2018.
- MESSEDER, Suely. **Em cena o Pesquisador(a) encarnado(a): um conceito e/ou um instrumento teórico-metodológico em seu devir ético e estético**. In: *Pesquisador) a) Encarnado(a): experimentações e modelagens no saber fazer das ciências/Suely Messeder, Clebenilton Nascimento (organizadores)- Salvador: EDUFBA, 2020.*
- NASCIMENTO, Elisa Larkim; GÁ, Luiz Carlos (ORG). **Andikra: Sabedoria em símbolos africanos**. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.
- SANTOS, Boaventura. S.; MENESES, Maria P. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Editora Cortez, 2010.

SODRÉ, Muniz. **Pensar nagô** / Muniz Sodré. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2017.

Submetido em: 30/10/2024

Artigo aceito em: 09/12/2024